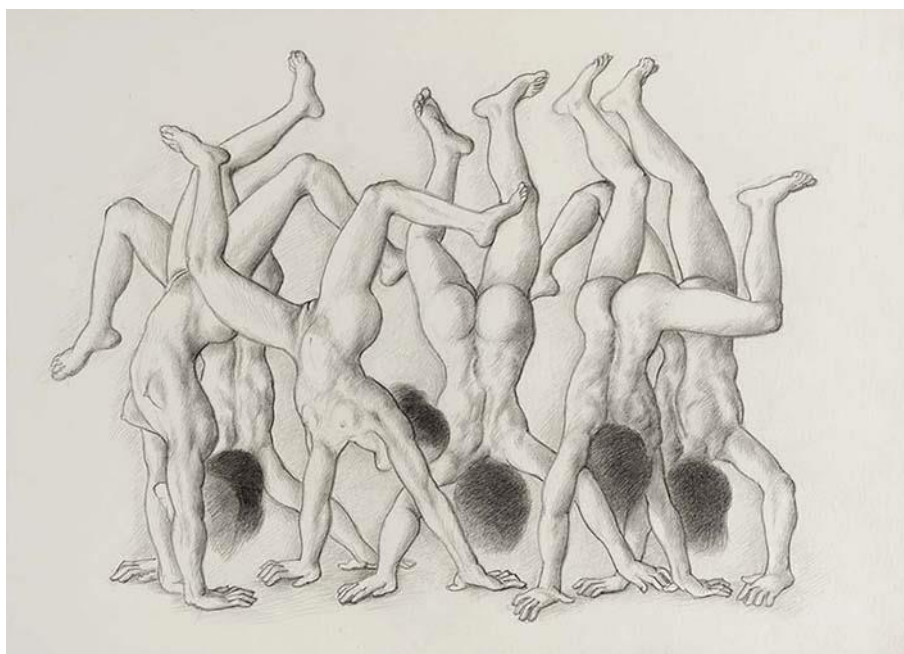


Loio-Pérsio: desenhos inéditos
Loio-Pérsio: unexhibited drawings
Loio-Pérsio: dibujos inéditos

*Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos**

Quando se depõe hoje a crítica de arte, no sentido de um exame ajuizado sobre algo que supostamente se percebe ou intui, tende-se a abordar a obra criada, a obra de quem a criou, as condições em que uma ou outra se fez, ou mesmo o seu criador. O trabalho analítico de fazer sobressair os efeitos do que se transmite por meio dela a outros, boa parte das vezes passível de maior censura, não apenas costuma ser parcamente reconhecido, como também se dispõe, frequentemente, a revestir a verdade de tal transmissão, isto é, a aquiescência de que a verdade contida pela obra não se transmite por inteiro e tampouco possui um modo único de desvelar-se.

A afirmativa dúplice feita na frase precedente pôde ser vislumbrada quer no enredo, quer no conteúdo – e mesmo no conteúdo do conteúdo – da recente exposição *Loio-Pérsio: desenhos inéditos*, realizada na OÁ Galeria, em Vitória, Espírito Santo, de 17 de agosto a 16 de setembro de 2002. A mostra trouxe à luz, pela primeira vez, dois conjuntos de uma mesma série de desenhos de Loio-Pérsio Navarro Vieira de Magalhães [1927–2004], feitos na década de 1990 e pertencentes ao Acervo Loio-Pérsio e à Coleção Marcio Espindula. Na sala em que foram exibidos, havia uma folha com um texto, em que se era informado do que lhes aconteceu desde então, mas não uma apreciação do que eram, seriam ou deveriam ser, quando feitos e três décadas depois. Transcrevo-o:



Loio-Pérsio. Sem título, década de 1990, grafite sobre papel, 32 x 44,1 cm. Acervo Loio-Pérsio

Estimada Thais,

* Editor. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7245-2220>.
E-mail: lemv@contracapa.com.br

Surpreendeu-me, sem passar por Vitória, e tampouco reclamá-la, ter notícias destes desenhos de Loio-Pérsio reunidos na OÁ Galeria. Pelo que sei, ele os fez quando morava aí, há cerca de três décadas, em meio a um período conturbado pelos afetos. Alguns anos depois, dividiu-os em ao menos dois conjuntos, de caminhos distintos. Como ambos estão representados na exposição, talvez valha registrar o que já se conhece sobre eles. Admito que tê-los reaproximado aguçou o que me parece haver de inesperado e mesmo espantoso em sua história.

Um dos conjuntos, o maior, permaneceu na família e hoje é parte de seu acervo, cujos responsáveis se têm empenhado em documentar e, de certo modo, refazer os passos de sua trajetória artística e de sua obra. Eu os vi pela primeira vez alguns anos atrás, em Cabo Frio. Havia boa inexistência a respeito de sua origem, o que então me pareceu bem acompanhar a fortuna dos detalhes, a precisão dos traços e o domínio de sombras e meios-tons.

O outro conjunto se enredou em um refluxo, à moda do que se deixa ver no movimento das marés, e uma peripécia. Em dezembro de 2000, morando outra vez em Curitiba, Loio-Pérsio reenviou a Vitória, de presente a um amigo, a quem agradece a “solidariedade”, a “lealdade” e a “hombridade, ora!”, “uns desenhos (horrorosos)”, uma pintura e alguns livros. Na capa de papel que acondicionava os desenhos, lê-se “12 esboços para serem redesenhados em grande formato, 1993”, e duas observações presentes na carta que acompanhava a remessa importam ao que vai aqui. A primeira requer: “Quanto aos desenhos, que são para você, se os vender, seria bom que o fizesse *em conjunto*, para não dispersarem”. A segunda previne: “Pretendia fazer uma série *em grande* (uma espécie de sátira do mundo de [...] em que vivemos), mas já desisti”.

Pois bem, em agosto de 2021, esse amigo de Loio, após ter assuntado se um dos filhos do artista teria interesse em adquirir os desenhos e a pintura, ofereceu-os a um vitoricense, que não tardou a incorporá-los à sua coleção, levando o pedido do artista a ser atendido. Daí, pouco faltaria para que o curso dos acontecimentos se modificasse de maneira imprevista e você, em um bate-papo com amigos, fosse apresentada a eles e se empenhasse em expô-los. De minha parte, vi que há na mostra um décimo terceiro trabalho pertencente ao mesmo colecionador, mas desconheço o papel que representa. Se jantar ou ceia, imagino que não teria sido convidado. Em todo caso, o capítulo inédito da história desta série de desenhos não carece de superstição, feitiço ou demonolatria.

O que contenta, isto sim, é que sua mostra revela o caráter disjuntivo das relações entre vida e arte. Vivemos a par de enigmas e mistérios, e a impaciência de tentar solucioná-los várias vezes não deixa de querer uni-las. Uma a significar o que a outra não alcança. Ora, tratá-las como duas coisas inafastavelmente distintas permite entender que a arte conta com a sua própria existência, que o artista pode viver duas vidas que valem a pena, ou não, serem vividas, e que a conclusão da primeira não elimina a inconclusividade da segunda.

Em matéria artística, parte de seus efeitos não se transmite pelo que os sentidos reconhecem. Por mais que sejam falados ou interpretados, algo passa e recorre, sem que se consiga encarcerar o que nela se produz. O véu sensual que encobre a arte, passível de interpretação, simultaneamente confirma a possibilidade de que ela seja transmitida e nega a existência de uma única verdade a seu respeito. Enganos ou mesmo logros críticos são, quando muito, pecados veniais; em direção oposta, qualquer leitura que pretenda tê-la lido à letra é um pecado mortal, deixando-nos infensos ao tédio, ao fastio e à ausência de compaixão e generosidade.

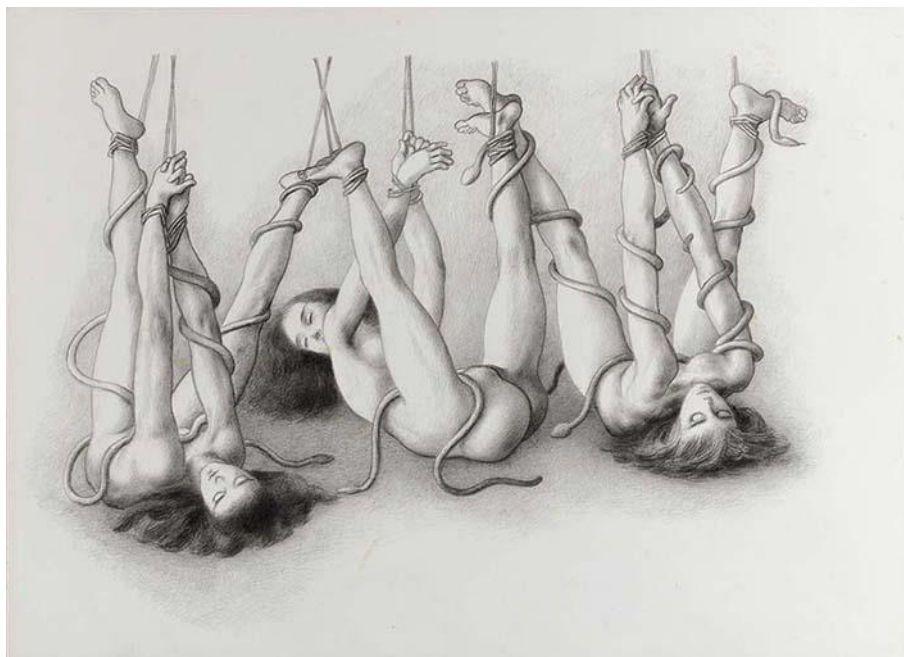
Suponho, assim, que haverá aqueles comovidos ao deparar, nos desenhos, com o que atinarem de horroroso, melancólico, excessivo, passional, libertino, lascivo ou sabe-se lá o quê, no sentido de deslocados do que pensavam antes disso, bem como um ou outro indiferente e os que se dirão, aos quatro ventos, ultrajados, ressentidos ou iracundos, sem nem mesmo os terem apreciados. Mas por que se diferiria disso? Não são em termos semelhantes a esses que o convívio e a discórdia se manifestam um dia após o outro? Eis, outra vez, uma mensagem que não volta à sua garrafa.

Aproveito, enfim, estar ausente, para não subscrever esta correspondência, visando a que leitor não se precipite em seu julgar pelo que acabo de dizer. Limito-me a asseverar que o fiz, sem desgosto, neste mês de agosto do ano de 2022 de nossa Era Comum.



Loio-Pérsio. Sem título, década de 1990, grafite sobre papel, 32 x 44,8 cm. Acervo Loio-Pérsio

Lê-se, pois, que é preciso ler os desenhos para saber o que são, ou vêm a ser, para cada espectador. Há uma breve informação de como o próprio artista os considerava, porém quem escreveu o texto achou por bem suprimir a que tipo de mundo se referia a sátira neles expressa. Fruto de um contexto adverso, ao que parece, bem como germe de um destino a ser obrigatoriamente revisitado, posto que diferido de sua origem. Como Loio-Pérsio anota em *Poética da imagem*, a cada vez que se altera a maneira de se fazerem as coisas, à luz da “necessidade de que sejam feitas e as condições em que se podem fazer”, as próprias coisas, sem se anularem, modificam-se, levando a eventuais modificações de seu valor. Adicionalmente, elas “só se conhecem cada vez mais pelo que, cada vez mais, conhecemos de nós mesmos”. Já com termos meus, entre o autor e o espectador ou leitor encontra-se o que, “mesmo comum, não se partilha, e seu velamento ou desvelamento, sempre transitórios e inefáveis, só se deixam notar em sua inafastável humanidade, motivo pelo qual acabam por manifestar também os valores da comunidade em que se atualizam” (Meira de Vasconcellos, 2021).



Loio-Pérsio. Sem título, década de 1990, grafite sobre papel, 32 x 44,1 cm. Acervo Loio-Pérsio

Não por acaso, em texto para exposição ocorrida no Museu de Arte Contemporânea do Paraná em 1977, principiado pela admoestação “Ao visitante (incauto ou avisado)”, Loio-Pérsio assim se referia à sua trajetória: “Mas poderia dizer, como Camões, que ‘errei todo o discurso dos meus anos’, entendendo-se por *errei* não só este deambular por entre coisas e pessoas, mas o mesmo enganar-se constante com pessoas e coisas” (Loio-Pérsio, 1977). De volta, outra vez, a algo que já disse: “À razão errante, sem paragem ou prévio traçado de onde pregar, admitese que, sob os desígnios do que a comove, de moções que partilham os afetos, encontre a matéria a ser gerida no campo sem base de que inventa a cartografia, em vez de decalcá-la do que lá havia, à espera de ser descoberto” (Meira de Vasconcellos, 2011).

Referências

LOIO-PÉRSIO. “Ao visitante (incauto ou avisado)”. *Loio-Pérsio: obras recentes*. Curitiba: Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 26 de abril a 16 de maio de 1977. Folder da exposição.

MEIRA DE VASCONCELLOS, Luiz Eduardo. “Loio-Pérsio: Errant Reason”. In: EUROPALIA.BRASIL. *Art in Brasil 1950–2011*. Brussels: Europalia International Arts Festival / Ludion / Bozar Expo / Ministério da Cultura do Brasil, 2011, p. 147–151.

_____. “Posfácio”. In: LOIO-PÉRSIO. *Poética da imagem*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2021, p. 111–120.

Citação/Citation: Vasconcello, L. E. M. (2022) Loio-Pérsio: desenhos inéditos. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 1.), pp. 146-149.